

# HERANÇAS E ESPELHOS: DESAFIOS DA ANTROPOLOGIA COTIDIANA

\*Professor do Itesp e CES —  
Juiz de Fora

José Luiz Cazarotto\*

## Resumo:

O a. partindo de algumas dificuldades metodológicas da antropologia busca apresentar as idéias de Wassmann como sendo instrumentos para a compreensão do diverso em sua alteridade. São apresentadas também algumas linhas e possibilidades de compreensão do ser humano e seu mundo cultural.

## Chaves:

Antropologia: metodologia; antropologia: teorias

## INTRODUÇÃO

Ainda que seja verdade que todos, de algum modo, trazemos dentro de nós e também em nossa aparência e modo de comportar-nos, os traços de nossas *origens*, cada vez mais está ficando claro que todos somos um pequeno mundo. Os estudos feitos a partir da psicologia e da antropologia vão deixando claro esta complexidade que é o mundo de cada um. Não só temos uma história pessoal, uma linguagem e um *jeitão*, mas trazemos dentro de nós uma espécie de *gramática* que precisa de algum modo ser conhecida para que as pessoas *entendam* nossa *linguagem*. Mas este mundo pessoal não é composto somente de *palavras* que podem ser codificadas e analisadas, mas também de *fantasias* e *mitos* que carregam elementos emocionais de difícil compreensão. É o caso do *souvenir* pessoal — fotos, objetos da família, lembranças de momentos significativos — que além de trazer em si uma história narrável, traz também sentimentos e aspectos que a narrativa personalizada não traduz ou o faz parcialmente.<sup>1</sup>

1 Para uma compreensão mais ampla da importância das narrativas pessoais (*storytelling*), veja-se D. P. McADAMS, *The Stories We Live by. Personal Myths and the Making of the Self*. New York, The Guilford Press, 1997.

## EM BUSCA DE UMA PONTE

Jürg Wassmann, discutindo o relacionamento entre o *informante* de campo e o pesquisador na área da antropologia, nos apresenta uma série de sugestões que podem ser úteis para a presente reflexão.<sup>2</sup> Qualquer pesquisador na área das ciências humanas, e em especial o antropólogo *lato senso*, não raras vezes, depara-se com a dificuldade de compreender o que efetivamente está sendo dito pelas pessoas ou o que está acontecendo no ambiente aonde ele acaba de chegar.

Até muito recentemente, se não ainda hoje, esta ordem era descrita a partir dos termos ou categorias de quem chegava ou de quem *colonizava*, isto é, *a partir de fora* — from the outside. As etnociências, especialmente, tentaram trabalhar com categorias do âmbito da origem do estudioso. Frake, citado por Wassmann, faz um trocadilho que acaba deixando claro este assunto: não mais *palavras por coisas* mas *coisas por palavras*. O cientista detinha as *palavras* e a compreensão era apenas questão de colocar as *coisas* dentro da *gramática* dele; hoje o cientista tem diante de si as *coisas* mas não detem o controle das *palavras* e muito menos da *gramática* que organiza o emaranhado das relações e significado.<sup>3</sup>

Em síntese, cada vez mais, os antropólogos foram tomando consciência de que as palavras — linguagem — não trazem todo o conteúdo da realidade humana. As *coisas* da cultura não se reduzem aos nomes; as pessoas, aos títulos; as compras, às marcas; as bebidas, aos rótulos; as roupas, às etiquetas. Ainda que estes índices possam ser um excelente ponto de partida. Que a realidade se *organize* como uma linguagem pode ser verdade, mas algo mais fundamental, segundo Wassmann, é *como rótulos se relacionam entre si*. Um rótulo é ao mesmo tempo um índice do que seja importante num determinado meio ambiente, mas ao mesmo tempo — e talvez mais importante nas relações humanas — um modo de se descobrir como as percepções do meio ambiente estão organizadas. Que o cafezinho seja em bebida social não é difícil de rotular; mas o que significa exatamente oferecer e aceitar tomar um cafezinho depende da compreensão de uma rede de percepções imersas na cultura. *Ele foi comer com os pecadores...*

## UMA REVOLUÇÃO NO AR?

Wassmann apresenta a opinião de que em 1956, na área das ciências humanas, houve uma mudança radical — a chamada *revolução cognitiva* — e que esta pode trazer uma luz considerável para o entendimento entre as diversas culturas e entre as

2 As idéias aqui apresentadas partem do ensaio de Jürg WASSMANN, *The Final Requiem for the Omniscient Informant? An Interdisciplinary Approach to Everyday Cognition*. CULTURE & PSYCHOLOGY, 1995, 1(2), pp. 167-201.

3 O texto a que Wassmann se refere é C. O. FRAKE, *The Ethnographic Study of Cognitive Systems*. Em T. GLADWIN — W. G. STURTVANT (Eds.), *Anthropology and Human Behavior*. Washington, Anthropological Society, 1962, pp. 72-85.

pessoas entre si, uma vez que cada um de nós é uma espécie de micro-cultura ambulante. Estabelecer-se uma data precisa tem sempre um sabor arbitrário, uma vez que certas tendências nas ciências humanas existem até muito antes de uma *year of birth*. Esta mudança de enfoque que Hostenstein chama de *ponto de mudança cognitiva* e Gardner de *revolução cognitiva* estaria de algum modo relacionado com os *insights* que podem ser intuídos a partir dos *programas para computadores*. Os programas *digerem* os dados a partir de suas estruturação.<sup>4</sup>

4 As obras que Wassmann tem em mente são: E. HOLENSTEIN, *Kognitive Wissenschaft*. INFORMATION PHILOSOPHIE, 1988, 1, pp. 5-14; H. GARDNER, *The Minds New Science: A History of Cognitive Revolution*. New York, Basic Books, 1985.

D'Andrade detalha um pouco um pouco mais esta passagem de mudança de paradigmas questionando o behaviorismo e sua compreensão da personalidade e da cultura numa rede de conexões entre estímulos e respostas. Psicólogos como Jerome Bruner, George Miller desenvolveram uma abordagem da ação e da aprendizagem a partir dos processos cognitivos e de informação. Antropólogos como Geertz, Goodenough, Hall, etc. questionam a compreensão da cultura como comportamento ou padrões de comportamento e sugerem que esta seja compreendida como informações partilhadas ou conhecimento codificado num sistema simbólico. Apesar de D'Andrade reconhecer a influência de Piaget, de Saussure e mesmo de Levi-Strauss, ele, entretanto, acredita na presença de uma marca que vem das inferências que podem ser feitas a partir da compreensão do funcionamento dos computadores.<sup>5</sup>

5 Cf. R. G. D'ANDRADE, *Cultural Meaning Systems*. Em R. A. SHWEDER — R. A. LeVINE (Eds.), *Culture Theory. Essays on Mind, Self, and Emotion*. Cambridge, Cambridge University Press, 1984, p. 88ss.

Com as contribuições dos estudos cognitivos, Wassmann diz que a antropologia redefiniria seus objetivos em duas metas: descobrir quais fenômenos ambientais são considerados os mais importantes e como eles são assim designados; elaborar uma espécie de *ideografia* através dos modos de classificação no sentido de descobrir como se procede para estabelecer uma *ordem no caos*.

## DIMENSÕES DAS ABORDAGENS

O desdobramento destas metas poderia ser apresentado didaticamente, segundo Wassmann, em três premissas:

1. *A cultura é um conhecimento compartilhado*. Não é demais apresentar a síntese de Goodenough, de 1957: A cultura de uma sociedade consiste em tudo o que alguém deve saber ou crer para agir de um modo aceitável por seus membros, [...] São as formas das coisas que as pessoas têm em mente, seus modelos de percepção, de relacionamento e, além disto, de interpretá-las... A cultura não está nas coisas, nas pessoas, nos comportamentos ou nas emoções, mas nas formas ou organizações das coisas na mente das pessoas.<sup>6</sup> Neste sentido, a cul-

6 Cf. J. WASSMANN, op. cit. p. 170.

tura é um fenômeno mental; ou em termos alemães, um fenômeno *espiritual* (geistlich).

Uma dificuldade para a antropologia — e para cada um de nós ao entrar em contato com pessoas e grupos — é afinal, conseguir delimitar ou estudar este conhecimento partilhado. Pode-se, a duras penas, estudar como um grupo organiza as cores, as linhas de parentesco, os animais (etnozoologia), as plantas (etnobotânica), as diversas doenças, etc. Mas isto não é, evidentemente, todo o conhecimento. Qual seria a solução? Para Wassmann, seria voltar-se para o *individual*, em vez do coletivo; não como um *tipo ideal*, mas para o modo como ele aplica o conhecimento no dia a dia. Ele é de opinião de que, dentro desta linha de abordagem, em vez de trabalhar-se com *especialistas* pode-se lidar com um grande número de *just plain folks*, isto é, simplesmente gente normal. Esta *peessoa média* que é membro de um grupo cultural *acquire, armazena, memoriza e aplica o conhecimento em sua vida diária em contextos diversos*. Aqui, sem dúvida, reside uma idéia interessante para quem for responsável pela acolhida de pessoas que vêm de fora; muitas vezes o fato de elas se aproximarem de nosso meio cultural através de *experts* faz com que compreendam a nossa realidade em termos de chavões e não raro, depois de um certo tempo, estão muito distante do povo — ou da gente que é simplesmente gente.

2. O conhecimento assume a forma de uma *gramática cultural*. Os dados que os antropólogos vão recolhendo, à medida que são associados, apresentam uma espécie de sistema abstrato de relacionamento. Para Wassmann, diversamente do que pensava Pierre R. Dasen, isto pode ser descoberto a partir de uma única fonte, uma vez que o conhecimento cultural é compreendido como sendo um *modelo conceitual* que envolve os princípios organizacionais da cultura e o comportamento de seus membros.<sup>7</sup> Ele seria, *por assim dizer, uma gramática cultural, um código para comunicação ou ainda um conjunto de regras*.<sup>8</sup>

O problema que pode surgir, adverte Wassmann, é ver o conhecimento como algo estático — uma gramática rígida — e organizado firmemente em campos definidos com precisão — domínios semânticos — na forma de lexemas segundo normas taxonômicas. Não se pode esquecer que o conhecimento é dinâmico e em alguns campos, a terminologia pode ser bastante vaga. A solução neste sentido, seria a *operacionalização em vez de categorização*. A importância disto reside no fato de que o conhecimento não é um sistema isolado mas que se evidencia no seu uso na prática diária. Um exemplo simples disto é o modo de preparar certos alimentos *típicos* sofre uma

7 Jürg Wassmann apresenta no início de seu artigo um diálogo com Pierre R. Dasen cujo tema é o impasse na pesquisa antropológica: buscar um tipo ideal de sistema de representação ou lidar com a vida cotidiana. Dasen fala da dificuldade de se saber afinal o que seja este dia-a-dia uma vez que as pessoas estão dispersas em suas múltiplas atividades. Wassmann reage por outro lado, que o fato de se lidar com mais vagar com um *informante* pode criar laços de confiança e ao mesmo tempo se pode considerar as diversas variações individuais, que também são parte da cultura.

8 Os autores que Wassmann tem como referência são: H. C. CONKLIN, *Ethnogenealogical Method*. Em S. A. TYLER (Ed.), *Cognitive Anthropology*. New York, Holt, Rinehart & Winston, 1969, pp. 93-122; M. B. BLACK, *Eliciting Folk Taxonomy in Ojibwa*. Em S. A. TYLER (Ed.), *Cognitive Anthropology*. New York, Holt, Rinehart & Winston, 1969, pp. 165-189; C. O. FRAKE, *Notes and Queries in Ethnography*. *American Anthropologist*, 1964, 66, pp. 132-145.

série de variações. Para isto, talvez, seja útil o jogo de palavras em inglês de Wassmann: em vez de *taxonomy* (conhecimento regulado), *tasknomy* (conhecimento cotidiano). A prática do conhecimento sofre, pois, uma influência de quem o exercita e das circunstâncias onde ele é praticado.

3. Uma terceira premissa seria o pressuposto de que *a linguagem é melhor meio para se entrar em contato com um fenômeno mental*. Parte-se da idéia de que com o estabelecimento de algum tipo de ordem — dominação do caos — algumas características ou fenômenos do meio ambiente podem ser de algum modo vistos como significativos e eventualmente classificados. A maior prova desta *realidade* seriam os rótulos ou designações. E Wassmann vai mais longe, partindo do pensamento de Frake: *Aspectos cognitivos culturalmente significativos devem ser comunicáveis entre as pessoas num dos sistemas simbólicos padronizados de dada cultura, e isto se dá, principalmente pela linguagem*.

Dentro do âmbito da abordagem do conhecimento de uma cultura, a linguagem certamente tem um papel relevante, mas o saber pode expressar-se ainda de outros modos como através de ações e emoções. Apesar, pois, da febre dos estudos em chave lingüística dos anos 50 e 60, nos anos 70 eles começam a levantar uma série de questões, e um deles é exatamente este: os limites da linguagem como era compreendida na época. Os estudos da etnociência, viu-se altamente dependente da lingüística estrutural, de tal modo que *seu modelo analítico passou a ser somente uma extensão do fenômeno cultural do paradigma da lingüística pretransformativa que enfatizava as descrições emic da unicidade cultural, dos procedimentos de descobertas, dos modelos fonológicos e de um conjunto de dados finitos*.<sup>9</sup>

Esta *crise* resultou numa abertura para as disciplinas vizinhas. As ciências da computação e seus programas poderiam colaborar? D'Andrade pergunta: Se os computadores que jogam xadrez, tem seus programas, por que as pessoas não poderiam ter os seus?<sup>10</sup> Daqui surge a idéia de apresentar-se a reprodução dos processos de conhecimento humano através da *abordagem do processo informativo*. O processo cognitivo segue certos padrões universais, válidos para as pessoas, para os animais e as máquinas? Seria um mesmo *software*?

Se a pessoa em sua atividade do dia a dia surge como o centro de atenção de algumas ciências humanas, isto significa que o paradigma mudou, que as referências estão em questão e que a mentalidade é outra. O conhecimento não é mais compreendido como a expressão da cultura como um todo ou um material abstrato que se conclui a partir da lingüística, mas é

9 Para Wassmann, a lingüística continuou a ser importante, mas em nova chave — especialmente com os novos modelos de Chomsky — mas muitas questões permaneciam em aberto. Cf. R. KEESING, *Paradigm Lost: The New Ethnography and the New Linguistics*. SOUTHWESTERN JOURNAL OF ANTHROPOLOGY, 1972, 27(4), pp. 299-332.

10 A idéia apresentada por Wassmann, vem de R. D'ANDRADE, *Culture Meaning Systems*, Em R. SHWEDER — R. LeVINE (Eds.), *Culture Theory: Essays on Mind, Self and Emotions*. Cambridge, Cambridge University Press, 1984, pp. 88-119.

*compreendido como uma atividade mental de indivíduos que ativamente aplicam o conhecimento em diferentes contextos, e a partir disto eles generalizam, pensam, esquematizam inferências possíveis, percebem, reconhecem e categorizam. Além disto, eles analisam, elaboram novas combinações, aventam possibilidades, resolvem problemas e tomam decisões. Podem também classificar, diferenciar e escolher e por fim, lembrar e controlar novas situações. Todas estas atividades são realizadas por indivíduos — ou entre indivíduos — mas, de algum modo, dentro de uma moldura mais ampla da cultura.*